

A CRÍTICA LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL

— Primeiras manifestações —

Carlos Alexandre Baumgarten

No Brasil, até o Romantismo, não houve uma atividade crítica que tenha ensejado a produção de textos que, no seu conjunto, viessem representar uma atitude definida frente ao fato literário. Somente a partir da Independência é que se fizeram notar movimentos neste sentido.

Antonio Candido afirma que "a Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da idéia romântica, para a qual contribuiu com pelo menos três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do País, mas tarefa patriótica na construção nacional"¹.

Realmente, foi a partir da Independência que se sentiu a necessidade de se estabelecer um novo processo literário, que correspondesse à situação política instaurada por aquele acontecimento histórico. Conseqüentemente, ao nacionalismo político necessariamente deveria corresponder um nacionalismo literário.

O primeiro passo importante nesse terreno viria ser dado, no entanto, somente em 1836, quando um grupo de brasileiros

em Paris, entre eles Domingos José Gonçalves de Magalhães, João Manuel Pereira da Silva e Manuel de Araújo Porto Alegre, lançaria a *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*. Encontrando-se em Paris, estes elementos entraram em contato com as novas tendências literárias em voga e, partindo deste ponto, passaram a escrever uma série de artigos que viria estabelecer uma nova ordem na produção e crítica literárias do país, qual seja, a do nacionalismo literário.

Com base nos estudos realizados por Ferdinand Denis e Madame de Staël, principalmente, o grupo de Paris estabeleceu aquele que seria o posicionamento estético inicial do romantismo brasileiro.

José Aderaldo Castello, referindo-se a Ferdinand Denis, afirma que foi ele quem "advertiu-nos das tradições riquíssimas que se firmariam com o tempo: a lembrança dos povos que aniquilamos, povos cheios de grandeza selvagem, de assombrosa coragem e orgulho; os seus costumes, crenças, que seriam o maravilhoso de nossa poesia futura; o seu espírito guerreiro e resistência à conquista européia, sem nunca se deixar vencer. Ao mesmo tempo o desbravamento dos sertões, as conquistas e a busca do ouro realizadas pelos primeiros exploradores do Brasil"².

Sendo assim, de acordo com Antonio Candido, "(...) a renovação literária apresenta, no Brasil, dois aspectos básicos: nacionalismo e romantismo propriamente dito, sendo este o conjunto de traços específicos do espírito e da estética imediatamente posterior ao neoclassicismo, na Europa e suas ramificações americanas. (...) o Romantismo brasileiro foi por isso tributário do nacionalismo; embora nem todas as suas manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito diretor que animava a atividade geral da literatura"³.

A partir, portanto, de 1836 até os anos 60, esta será a estética dominante no país. Assim, o índio, o cenário nacional, enfim, a pátria serão os elementos que caracterizarão a temática da nova literatura.

No Rio Grande do Sul, no entanto, os ideais românticos e, conseqüentemente, a produção literária do mesmo cunho sofreram um atraso na sua assimilação em relação ao centro do país. Os fatores que contribuíram para este retardamento foram as constantes guerras em que o Estado se viu envolvido, as dificuldades quanto à impressão de livros e jornais e a ausência, até 1856, de qualquer periódico literário.

Todavia, os ideais românticos encontrariam no Rio Grande um solo fértil, principalmente devido ao fato de os rio-grandenses, desde longa data, se encontrarem em constante luta em prol da afirmação de sua nacionalidade. A luta com os vizinhos espanhóis, por sua vez, determinou outro elemento importante que viria facilitar a difusão do ideário romântico, ou seja, o sentimento de liberdade, adquirido do contato com os inimigos, vinha ao encontro dos principais postulados estabelecidos pelo Romantismo.

Com o surto de periódicos literários, notadamente a partir de 1868, é que se iniciou e consolidou a produção e a crítica literárias dentro dos moldes românticos. Deve-se registrar, contudo, que a crítica literária que se fazia na Província era por demais ingênua e pouco profunda, como ter-se-á oportunidade de ver pelo exame dos textos críticos encontrados em nossos principais periódicos, literários ou não.

1.1 Textos críticos

Os textos de natureza crítica, que aqui serão analisados, aparecem em obediência a um critério cronológico de publicação, para que se possa perceber a evolução do ideário crítico na imprensa rio-grandense da segunda metade do século XIX.

Cronologicamente, o primeiro texto crítico que se encontrou foi o de autoria de Glodomiro Paredes, na terceira série da *Arcádia*, (*) que traz o seguinte:

Há um ser que merece ser classificado: o poeta. Buffon não o considerou pertencente à classe mamífera, tão pouco na dos bípedes, ruminantes, anfíbios, etc. A que classe, pois, pertence este animal, o poeta, como imerecidamente muitos se intitulam? Imerecidamente, sim. Não falo dos que expressam seus sentimentos verdadeiros, sublimes, embora em rima rude; esses são poetas; mas nos que, em quadrinhas com a competente ortometria, versos à martelo (permita-se-me a expressão), trovam sentimentos não seus, pura imitação, ou que eles nunca sentiram⁴.

(*) *ARCÁDIA*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. Surgiu na cidade de Rio Grande em meados de 1867, atuando na vida literária da Província até meados de 1870. Teve como principais colaboradores Apolinário Porto Alegre, Menezes Paredes e Bernardo Taveira Júnior.

Já no início do artigo, intitulado "Poetas e Poesia", percebe-se a presença daquele elemento que seria essencial no desenvolvimento da literatura rio-grandense do século XIX, isto é, a preocupação com a não-imitação, com a originalidade, que foi um dos pressupostos básicos do romantismo brasileiro. Prosseguindo em seu escrito, o autor, após o estudo de uma poesia onde mostra aquilo que não devia ser cultivado, finaliza afirmando:

Isto não é crítica. É apenas um protesto contra os ruminantes que, de guitarra em punho, intentam invadir o Parnaso.

E se crítica é, faço-a no simples intuito de ver se a nossa poesia não conta só de lágrimas não vertidas e dores que não se sentem, mas sim de alguma coisa verdadeira. Com o fim de ver se o demônio da imitação não carcome as bases do edifício da poesia rio-grandense⁵.

Como se vê, em termos de crítica literária, o que se tem no artigo acima é a presença do ideal romântico da não-imitação, da criação de uma literatura representativa da terra. Este, pode-se afirmar, foi o principal elemento de sustentação do romantismo no Estado.

A página 273 da *Arcádia* (1869), dá o autor prosseguimento ao seu trabalho introduzido em números anteriores, tendo aqui a idéia inicial muito mais força, contornos bem mais definidos como se observa na passagem a seguir:

Entre nós eu distingo duas classes de poesia. A natural, que eu nem mesmo sei o que seja, e a poesia dos poetas. Esta, carrancuda, coriscando raios e aterradora, abunda e solidifica-se na imitação; aquela, toda harmonia, doce como um favo da mandasala, não é feita à arte, não é escrita, está no coração de nosso campônio, que a verte em palavras, cantando as belezas que a natureza como que quis desperdiçar conosco, e funda-se em motivos nacionais, em coisas de nossa pátria.

A poesia dos poetas é imitação, e que imitação santo Deus! A seguidilha do campônio, a poesia rio-grandense, ainda está em estado de feto, mas há de nascer. (...)

Já me quer parecer que velo um Bernardim Ribeiro a descrever a vida do gaúcho, o ser nacional por excelência, tão cheia de lances poetisáveis. (...) o Rio Grande que, moralmente, forma uma nação à

parte, também terá uma literatura, propriedade sua, tão sua, como seus são estes moutados que se azelem ao sol de maio, estas capoeiras marchetadas com as flores alvas do cambom (...)⁶

Embora se reafirme o princípio da não-imitação, este trecho do artigo apresenta novas e importantes nuances dos rumos que tomaria a literatura do Rio Grande. Em primeiro lugar, cabe salientar a importante divisão que se faz da poesia em natural e dos poetas, na medida em que ela vai representar um voltar-se para as tradições, para as raízes presentes na literatura oral. O que se defende é a criação de uma literatura representativa do Estado, entendido como nação à parte. Assim, embora de forma tênue, já se encontrava lançada no texto a idéia de uma literatura regional. A vida do gaúcho, suas tradições, passam a ter um importante significado nesta passagem do artigo.

No exame do restante do texto, encontra-se sempre a mesma idéia inicial, que é reforçada através de novas modalidades de formulação como:

Cemitérios aqui; crâneos descarnados ali; o sino bate meia-noite, na triste torre, acolá. As mesmas coisas sempre. E, desjeitosas... O Saara revolvido; avalanche arrasando tudo; o Niágara a rugir medonhosos e ecoantes gemidos; tudo a mesma coisa, sempre. E, desgraciosa...

Dai não se sai, quando muito a mente do poeta chega à Polônia e aí chora a escravidão do povo polaco, ou vai ao México ver cair a realeza, essa planta exótica na América.

A escravidão daqui ninguém chora; os males de cá ninguém carpe; cantam-se as belezas alheias, sentem-se os males dos outros e ninguém mostra amar nosso céu e pensar-se pelos nossos sofrimentos⁷.

Enfim, a orientação é sempre a mesma e se vê repetida ao longo de todo o estudo. Para que se entendesse o intuito do artigo, bastaria que se fizesse a leitura do parágrafo final, onde o autor afirma:

Vós, mancebos inteligentes, obreiros do futuro, que desperdiçais vosso estro com futilidades balofas, deixai o ramerranismo que se tem seguido até hoje, e pensai em criar uma literatura para vossa pátria, para o vosso Rio Grande⁸.

Seguindo a linha cronológica, é também da **Arcádia** que vem o segundo trabalho que pode ser considerado como um estudo de crítica literária. Tem ele o título "A Literatura no Rio Grande" e vem assinado por Antonio M. Pinto. Embora se constitua num estudo mais teórico que o anterior, também este apresenta algumas idéias que o vinculam àquele.

Partindo de conceitos de ordem geral, este texto estabelece, como pressuposto para o seu desenvolvimento, a relação literatura-sociedade. A literatura é, desta forma, entendida como expressão da sociedade em que é produzida. A relação se estabelece do seguinte modo:

As sociedades modernas têm dado grandes passos na carreira do progresso. A civilização, com seus fúlgidos raios, tem mais ou menos espantado as trevas de todas as camadas dessas mesmas sociedades. E, se a literatura, como bem disse Ancillon, é a expressão da sociedade, como pois, nós que fazemos parte da sociedade de que fala esse profundo escritor, ficamos imóveis ante o desenvolvimento que a literatura vem apresentando nestes últimos tempos (...)?⁹

Dentro desta relação, a literatura rio-grandense deveria demonstrar um grande progresso, já que a sociedade começara a passar por grandes modificações, onde uma maior concentração de capital acontecia e, também, se fortaleciam os centros urbanos. No entanto, não é a esta conclusão que se chega pela leitura do texto, pois seu autor afirma:

Contamos alguns poetas, mas dentre eles só Carlos Ferreira, Taveira Júnior e Porto Alegre formam exceção, os demais abraçaram-se exclusivamente ao lirismo, quando deviam entregar-se aos diversos ramos da poesia¹⁰.

Seguindo este raciocínio vai o texto desembocar num ponto comum entre todos os textos de natureza crítica que se pôde encontrar. A idéia do aproveitamento de temas locais, bem como da paisagem natural, se faz presente. Em suma, aproxima-se do nacionalismo literário, aspecto introduzido pelo Romantismo e tão em voga no século XIX. A valorização do local se constitui, sem dúvida, num dos alicerces do romantismo brasileiro e a literatura rio-grandense, por extensão, não se furtou de encampar o mesmo princípio. No entanto, pelo pouco contato que mantinham com o centro do país, se voltaram eles para o que mais conheciam: o Rio Grande do Sul, seu homem e seu cenário.

"Reflexões sobre a literatura rio-grandense", artigo publicado na **Arcádia** e de autoria de Bernardo Taveira Júnior, dentre os encontrados, é o que sintetiza o pensamento da época. Afora reconhecer o papel importante desempenhado pelo **Guaíba** (*) e pela **Arcádia** no desenvolvimento da literatura rio-grandense, apresenta os princípios básicos que nortearam a produção romântica em nosso Estado. Tendo sido escrito por um elemento diretamente envolvido no processo de desenvolvimento da literatura gaúcha, é bastante provável que ele represente os anseios que direcionaram a produção literária dos principais autores do Estado.

Pela leitura do texto acima referido, se constata que, mesmo repetindo idéias já encontradas em textos anteriores, estas cada vez mais se definem e determinam o caminho a ser seguido pela literatura rio-grandense. Assim, na seguinte passagem novamente se estabelece a necessidade do aproveitamento da paisagem local, da tradição, da cultura:

Em nossas lendas, em nossas tradições, em nossos costumes, no valor de nossos bravos, encontrareis uma fonte inexaurível para o romance, para o drama, para a história, para a epopéia¹¹.

Em outro trecho consubstancia-se a relação entre a literatura que se deveria fazer e o momento político brasileiro, ou seja, relaciona-se literatura-independência.

Um povo que é livre por suas instituições, deve sê-lo também pelo pensamento. Nada há que o autorize a mendigar a estranhos o colorido para as suas imagens e descrições, a beleza e o perfume para as suas flores, o arrojo e elevação para os seus tropos e figuras¹².

Como se viu até agora, não havia o que hoje se entende por crítica literária. O que se tinha eram princípios gerais que buscavam orientar o pensamento regional em todo e qualquer campo, fosse ele político, científico ou artístico.

O próprio João Pinto da Silva, escrevendo a sua **História literária do Rio Grande do Sul**¹³, reconhece que a crítica, com

(*) O GUAÍBA foi o primeiro jornal exclusivamente literário que surgiu na Província, tendo circulado entre os anos de 1856 e 1858. Tinha entre seus colaboradores Rita Barém de Melo, João Vespúcio de Abreu e Silva, Pedro Antonio de Miranda, Carlos Jansen e Felix da Cunha, entre outros nomes de menor importância.

raríssimas exceções, pouca atenção despertava em nosso meio. É ele quem diz:

A crítica literária despertou sempre, entre nós, escassíssimas predileções. Mesmo os registros bibliográficos, tão abundantes e pontuais na imprensa de outras circunscrições do País, são, ainda hoje, raros em nossos diários e periódicos, inclusive os da capital¹⁴.

Considere-se, ainda, que quando o autor escrevia seu livro já se atingia o ano de 1924, época já bem distante daquela que se está examinando.

Sabe-se, por outro lado, que o próprio "Partenon Literário", que estimulou a produção literária em toda a Província, pouco contribuiu para o campo da crítica. O único de seus membros a se dedicar à crítica literária foi Apolinário Porto Alegre, ainda assim de forma assistemática. Esta realidade, contudo, não era desconhecida dos homens que militavam no mundo das letras. Num artigo, onde é analisado um drama de Eudoro Berlink, Taveira Júnior reconhece a situação da Província no que diz respeito à crítica literária. É ele quem afirma:

A crítica literária ainda não existe em nossa província. Sem ela, nunca a nossa literatura poderá florescer com vantagem, porque ela, a verdadeira crítica, é para as letras o que o orvalho é para as plantas¹⁵.

Defendendo a necessidade da existência de uma crítica literária como elemento indispensável para o desenvolvimento da literatura, o autor prossegue:

No país, onde a crítica não analisar as produções do entendimento, a sua literatura será sempre balbuciante, sempre medrosa como os primeiros vãos da ave que ensaia soltar as suas asas pelo espaço¹⁶.

Para ele, o papel da crítica seria o de um elemento de correção para as falsas tendências que porventura viesse a literatura seguir.

Por outro lado, faz uma análise da imprensa da época, ressaltando a sua importância como veículo da crítica literária. Reconhece, todavia, que a imprensa ainda não tinha apresentado condições para desenvolver tal trabalho. E diz:

Como há de um jornalista avaliar o mérito de um drama, de uma poesia, de um romance, de uma história ou mesmo de qualquer produção artística, se ele não conhece a estética de nenhuma dessas coisas¹⁷.

Na verdade, o que se constatou pelo exame dos jornais da época foi que eles se limitavam a noticiar a publicação de um ou outro livro. Fazia-se presente, então, o elogio fácil, sem maiores compromissos. As opiniões, normalmente, eram motivadas por simpatias pessoais, onde o mérito da obra raramente era analisado.

Em um número da *Reforma* (*) do ano de 1873 é que aparece outro texto crítico que, dentro do panorama geral da época, é dos mais compactos entre os encontrados. Tendo por título "Da Literatura na Democracia" e autoria de Jean Aicard, provavelmente uma tradução, o referido texto expressa uma série de posições assumidas pelo movimento romântico.

Inicialmente, parte de uma conceituação de literatura bem de acordo com o espírito romântico, na medida em que partindo da indagação: "O que é com efeito a literatura de um povo?"¹⁸, estabelece o seguinte conceito: "É a expressão de sua vida íntima, de sua própria alma, sob a forma mais elevada, mais selecta, a arte"¹⁹. Seguindo este raciocínio, chega a uma afirmação de ordem mais geral, qual seja, a da literatura fixar os feitos, as glórias de um povo, ou da necessidade dela cada vez mais aproximar-se deste, deixando de ser elitista.

São, no entanto, as relações literatura-sociedade e literatura-política que constituem o essencial do artigo. Com relação à primeira, afirma-se que é a literatura uma força responsável pela formação dos costumes de um povo. Seria o livro um elemento importante no desenvolvimento dos costumes, servindo de modelo de comportamento para a sociedade. A literatura quase nenhuma influência receberia da sociedade, isto é, o raciocínio é unilateral: a literatura age sobre a sociedade modelando-a, desconhecendo-se o movimento oposto, qual seja, o da sociedade agindo sobre o fato literário.

Este posicionamento faz-se claro na seguinte passagem do artigo:

(*) A REFORMA, órgão do Partido Liberal, Porto Alegre. Diário que teve sua circulação iniciada em 1869 e que foi consultado até o ano de 1880. Publicava esporadicamente textos de crítica literária e textos dos autores mais representativos do Estado.

Embalde se diz, às vezes, que o homem de letras nenhum poder tem sobre os costumes e sobre o gosto do seu; que bem ao contrário tem de sofrer a influência deles, com eles conformar-se e copiá-los; que a literatura é simplesmente o espelho dos costumes. Nada é mais falso²⁰.

Estabelecendo-se este raciocínio, logicamente se chegará à conclusão de que a literatura possui uma grande força política e é justamente este ponto que o artigo atinge:

(...) os escritores têm um papel, uma função política, são uma força política; bem ou mal dirigidos, livres ou não, grandes ou pequenos, hão de imprimir ao pensar público alguma coisa de sua grandeza ou, ao contrário, da sua pequenez e da sua servidão²¹.

Observando a mesma linha de pensamento, firma-se a noção de que a literatura, para atingir seus fins como força política e elemento determinante dos costumes do povo, deve primar pela simplicidade da forma, recurso que lhe permitiria alcançar seus objetivos.

Como se percebe, também este artigo se enquadra nos cânones do ideário romântico e, mesmo se tratando de uma tradução, se encontra perfeitamente integrado no movimento literário por que passava a Província.

1.2 Notas de caráter crítico

Ao lado dos artigos de crítica literária propriamente ditos, aparecem notas também de fundo crítico que, unidas aos primeiros, possibilitam uma visão mais global do que se pensava em termos de literatura no Rio Grande do Sul nos primeiros trinta anos da segunda metade do século XIX.

Embora fossem bem menos constantes, pôde-se perceber que percorriam o mesmo caminho trilhado pelos artigos de maior elaboração. Como estes, tinham como característica marcante o sentimento de nacionalidade, elemento tão explorado pelo Romantismo.

Assim, em nota encontrada na **Reforma**, no ano de 1877, lê-se o seguinte:

Salomé, Apolinário Porto Alegre, Berlink e agora Hilário Ribeiro já são bastante paladinos para uma em-

presa digna — para criarem uma literatura que ainda não temos nossa²².

Como se vê, a preocupação era a criação de uma literatura representativa do país, onde o caráter nacional fosse a nota predominante, o que nada a distingue do já encontrado em artigos estudados.

Prosseguindo neste exame, é da **Reforma** que também vem a seguinte nota:

Iriema, Victor Valpirio, Aquiles e Apeles Porto Alegre e Hilário Ribeiro têm sido perseverantes na colaboração da Revista, que não só presta um grande auxílio à literatura, como um real serviço à Província com a publicação dos traços biográficos de seus grandes filhos e a vulgarização de romances urdidos de nossos costumes e hábitos²³.

Trata-se de uma nota em que o jornal analisa a atividade realizada pelo Partenon Literário e, ainda que seja dois anos posterior à primeira, apresenta a mesma linha de pensamento, ou seja, a preocupação básica de que a literatura representasse o nacional, talvez o regional, o que seria uma simples variação de raciocínio. Sabe-se que esta variante teve lugar em várias regiões do país, sendo o Rio Grande do Sul um exemplo. Os autores rio-grandenses, no intuito de encontrarem motivos para a realização de uma literatura nacional, voltaram-se para o passado, onde vão encontrar o gaúcho dos primeiros tempos, os seus costumes e as suas lendas, atitude esta que seria responsável pelo surgimento do regionalismo literário no Estado.

Afora a presença desta linha mestra geral, a do nacionalismo literário, o que se fazia em termos de crítica era extremamente inconsistente. Este fato se comprova na nota seguinte, colhida da **Reforma** de 1874, onde se procedia uma apreciação de um drama de José de Sá Brito. Dizia a nota:

Ali revela-se muito gosto, cor local, a naturalidade, sem faltar imaginação. (...) A ação é cheia de interesse; prende a atenção do espectador a uma sucessão de fatos que vão se encadeando até o desfecho final. Transparece nele o reflexo da poesia nacional, e com ela a idéia de liberdade; nada é emprestado do velho mundo; são cenas puramente desta terra, rica de perfumes e luz, onde a idéia consubstancia-se com a natureza esplêndida, onde

em cada arbusto que balança à viração de cada monte que se doira ao sol da tarde, o poeta encontra um canto de epopéia²⁴.

Mais uma vez a nota predominante é a que diz respeito à não-imitação, à preocupação com o nacional. No entanto, percebe-se também a quase total ausência de espírito crítico, pois a apreciação muito pouco elucida a respeito da obra em questão.

O mesmo drama de José de Sá Brito, **Grupiára**, é motivo de comentário no **Mosquito** (*), em seu artigo de abertura, no dia 18 de outubro de 1874. Como o anterior, mantém o mesmo posicionamento de exaltação ao nacional, muito pouco se prendendo à obra. Traz, na íntegra, o que segue:

Assistimos no domingo a leitura do drama Grupiára, produção de nosso talentoso coprovinciano José de Sá Brito. Da rápida leitura ficaram-nos as mais gratas impressões. O drama é todo brasileiro. O ilustrado poeta deu todo o perfume, toda a vida e colorido da natureza americana à sua produção. Não há o arremedo, a triste imitação que infelizmente invade a nossa literatura. No mesmo dia em que o Brasil conquistou a sua autonomia política, nesse mesmo dia rasgou sobre o solo o espaço em que devia erguer o monumento grandioso de sua literatura. A aurora esplêndida do dia sete de setembro assinalou não só a nossa independência política, como a emancipação de nossa literatura. Trabalhar pois para o seu realce, animar e despertar o estímulo dos que se dedicam às letras para que dêem às suas produções a cor nacional é render cultos ao belo, a Deus e à pátria²⁵.

Novamente o que se vê é a vinculação estreita que se fazia entre o fato literário e o fato político da Independência. O aproveitamento de motivos nacionais em qualquer produção literária se constituía em condição essencial para a sua aceitação pela crítica. Por mais superficial que fosse o elemento nacional, a sua presença era indispensável para o sucesso da obra junto àqueles que exerciam o ofício da crítica.

(*) O MOSQUITO surgiu em Porto Alegre em fevereiro de 1874, circulando até outubro do mesmo ano. A despeito de seu subtítulo (periódico joco-sério) dedicou-se quase que exclusivamente à literatura. Teve como colaboradores Múcio Teixeira, Aquiles e Apeles Porto Alegre, Lobo da Costa, entre outros.

A nota que se verá a seguir também segue o mesmo espírito. Em artigo coletado no **Jornal do Comércio** (*), onde se aprecia o drama de José Arthur da Rocha, lê-se o que segue:

(...) É brasileiro! Nasceu à luz do Cruzeiro, à sombra das florestas virgens, bafejado pelas auras do pampa. Não é tudo, mas é muito. Nós, que começamos com uma literatura nascente, porém nossa, nemguem embora os que, arraigados a um princípio retrógrado, nos julgamos sempre atados ao tronco da metrópole, movidos apenas pelo influxo dela, temos incontestavelmente uma literatura nossa, puramente nossa, que ainda há de sobrepujar a já carunchosa literatura mãe (...)²⁶.

O que se constata pelo exame destes artigos e notas de caráter crítico é a sua pouca especialização e profundidade. No entanto, não se pode negar a importância que teve a crítica, através do periódico, para o desenvolvimento e a difusão da literatura do Rio Grande do Sul.

Os nossos principais periódicos, mantendo colunas de crítica literária relativamente estáveis, serviram, pelo menos, de incentivo aos autores e, de certo modo, contribuíram para a popularização de suas obras.

(*) JORNAL DO COMÉRCIO, fundado em 1865, embora sendo um jornal não-literário, este periódico porto-alegrense caracterizava-se por ter uma coluna dedicada à literatura nos anos de 1877 e 1878.

NOTAS:

- (1) CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975. V. II, p. 11.
- (2) CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira. Manifestações literárias do período colonial*. 3. ed. São Paulo, Cultrix, 1975. p. 223.
- (3) CANDIDO, Antonio. Op. cit., p. 14-5.
- (4) PAREDES, Glodomiro. "Poetas e Poesia". In: *ARCADIA*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, 3a. série, Rio Grande, 1869. p. 82-3.
- (5) *Ibidem*, p. 82-3.
- (6) *Idem*, *ibidem*, p. 273.
- (7) *Idem*, *ibidem*, p. 274.
- (8) *Idem*, *ibidem*, p. 275.
- (9) PINTO, Antonio M. "A Literatura no Rio Grande". In: *ARCADIA*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, 3a. série, Rio Grande, 1869. p. 129.
- (10) *Ibidem*, p. 130.
- (11) TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. "Reflexões sobre a literatura rio-grandense". In: *ARCADIA*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, 4a. série, Rio Grande, 1869. p. 10.
- (12) *Ibidem*, p. 10.
- (13) SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Globo, 1924.
- (14) *Ibidem*, p. 219.
- (15) TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. "Mulher e Mãe". In: *ARCADIA*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, 4a. série, Rio Grande, 1870. p. 219.
- (16) *Ibidem*, p. 219.
- (17) *Idem*, *ibidem*, p. 219.
- (18) AICARD, Jean. "Da literatura na democracia". In: *REFORMA*, órgão do Partido Liberal, Porto Alegre, 18/01/1873. p. 2.
- (19) *Ibidem*, p. 2.
- (20) *Idem*, *ibidem*, p. 2.
- (21) *Idem*, *ibidem*, p. 2.
- (22) *REFORMA*, órgão do Partido Liberal, Porto Alegre, 04/08/1872. p. 1.
- (23) *Ibidem*, 03/05/1874. p. 1.
- (24) *Idem*, *ibidem*, 16/10/1874. p. 1.
- (25) *O MOSQUITO*, Periódico joco-sério, Porto Alegre, 18/10/1874. p. 1.
- (26) *JORNAL DO COMÉRCIO*, Porto Alegre, 29/08/1878. p. 1.

BIBLIOGRAFIA

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 5. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1975.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira. Manifestações literárias do período colonial*. 3. ed. São Paulo, Cultrix, 1975.
- SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1924.
- ARCADIA*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, Prop. de Antonio Joaquim Dias, Rio Grande, 1867/1870.
- A REFORMA*, órgão do Partido Liberal, Porto Alegre, jun. 1869/dez. 1880.
- JORNAL DO COMÉRCIO*, Prop. Manoel Antonio da Silva, Porto Alegre, 1877/1880.
- O MOSQUITO*, periódico joco-sério, Porto Alegre, mar./out. 1874.